
150 ANOS MAX WEBER: ENTREVISTA COM CARLOS EDUARDO SELL

Em maio de 2014, para marcar os 150 anos de nascimento de Max Weber, o PPGCS-UFBA promoveu um seminário sobre as possibilidades de continuação e atualização da sociologia weberiana. O seminário contou com a participação especial do Prof. Dr. Carlos Eduardo Sell¹ – pesquisador com pós-doutoramento na Universidade de Heidelberg (Ruprechts-Karl Universität), Alemanha, e professor no Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O seminário pôde evidenciar a fecundidade da obra de Max Weber em questões cruciais que movimentam a teoria social contemporânea; ainda propiciou conversas, que logo iriam tomar corpo em forma desta entrevista. O prof. Eduardo Sell² comenta a “abertura e o espírito antidogmático” do pensamento weberiano; o *Max Weber Gesamtausgabe*, empreendimento de edição das obras completas do autor; a recepção de Weber no Brasil; e ainda sobre seu mais novo livro *Max Weber e a Racionalização da Vida*, Editora Vozes, de Petrópolis. Carlos Eduardo Sell conversou com Alexandre San Goes, que é cientista político da UFBA e foi organizador dos Ciclos Weberianos.

[Alexandre San Goes] Entre 1906 e 1918, a residência de Max Weber abrigou encontros diversos que logo ficaram marcados na atmosfera intelectual europeia como o “Círculo Max Weber”. Ernst Troeltsch, Karl Jaspers, Friedrich Gundolf, György Lukács participaram do círculo – o que nos faz pensar sobre a versatilidade de interesses que se reuniam em torno de Weber. É possível, tendo por base tais interesses, delinear uma “sensibilidade weberiana”?

[Carlos Eduardo Sell] *Em parte, os encontros de domingo à tarde, no solar da casa dos Weber (à beira do majestoso rio Neckar e defronte ao castelo que dá marca à cidade) devem-se ao afastamento de Weber da vida acadêmica institucional (por problemas psicológicos). Era uma forma pela qual ele buscava inserir-se na vida e no debate intelectual e político. Ao mesmo tempo, eles testemunham a riqueza intelectual daquela cidade, capaz de atrair uma “intelligentzia” da mais alta qualidade. Max Weber foi, ao mesmo tempo, produto e produtor deste impressionante círculo de pensamento.*

1 <alexandresangoes@outlook.com>

2 <carlos.sell@ufsc.br>

Porém, mais importante do que isso, os encontros de domingo nos remetem ao pluralismo e abertura de pensamento do autor. A sociologia weberiana jamais degenerou em uma doutrina rígida ou uma escola dogmática de pensamento: não é à toa que existe apenas a sociologia “weberiana”, mas não qualquer forma de weberianismo. Weber não organizou uma “escola sociológica” como Durkheim e nem foi vítima da tentativa de hegemonizar a condução intelectual de um movimento político (caso de Marx). As sementes dessa atitude crítica encontram-se em seu próprio pensamento, sempre consciente de que “as ciências sociais estão condenadas a eterna juventude”.

Tal abertura também permitiu que suas análises frutificassem em diferentes direções, como é o caso do chamado “webero-marxismo” (Lukács) ou mesmo da sociologia da cultura de Karl Mannheim e, mais tarde, Norbert Elias. Mesmo a teoria parsoniana, em suas origens, deve muito a Max Weber. Seus influxos estarão presentes também na fenomenologia de Alfred Schütz e até mesmo em certas vertentes da teoria da escolha racional (que privilegiam a chamada zweckrationalität). É exatamente esta abertura e este espírito antidogmático que tornam seu pensamento tão atual e capaz de ser lido e relido de forma sempre produtiva.

[Alexandre San Goes] A edição crítica *Obra completa de Max Weber* (*Max Weber Gesamtausgabe*) tem sido notada como empreendimento capaz de alterar os padrões de leitura e interpretações sobre Weber. O senhor concorda com este prognóstico?

[Carlos Eduardo Sell] A chamada MWG é um dos mais notáveis e cuidadosos trabalhos de edição da obra de um autor hoje em curso na Alemanha. Reunindo destacados peritos em seu pensamento e preciosos materiais técnicos (introduções, índices temáticos e onomásticos etc.), ela nos fornece uma nova visão sobre a evolução cronológica e o significado da obra de Weber. Ela muda a forma como Marianne Weber e Johannes Winckelmann organizaram seu espólio e tem repercussão direta sobre a forma como lemos este autor.

*O exemplo mais claro disso está na forma como foi publicada *Economia e Sociedade*. Na prática, esse escrito foi todo desmontado e a MWG publicou as partes que o compõem em sua sequência cronológica: os textos redigidos antes da primeira guerra foram publicados em números separados e a parte escrita a partir de 1920, em único número. *Economia e Sociedade*, portanto, não é uma obra “coerente” dividida em duas partes (teórica e aplicada), imagem que nos foi legada pelos seus primeiros editores. Trata-se, antes, de um projeto dividido em duas fases. Até mesmo o nome desse escrito (escolhido por Marianne Weber) que, na verdade, era parte de uma coleção (na qual existia uma seção chamada “*Economia e Sociedade*”), deveria chamar-se, de fato, “*Sociologia*”. Essa operação foi uma verdadeira revolução.*

*Outra novidade é a publicação de um número com todos os escritos de Weber sobre o protestantismo: as duas versões de *A ética protestante e o espírito do**

capitalismo (1904 e 1920), as duas versões de As seitas protestantes e o espírito do capitalismo (1906 e 1920) e as suas famosas Anticríticas (redigida entre 1906 e 1908). Dessa forma poderemos entender, passo a passo, todo o teor das pesquisas weberianas sobre a relação entre religião e vida econômica.

Também não podemos menosprezar o impacto que significa a publicação das cartas e das lições de Weber. Eles nos fornecem um farto material sobre sua biografia e detalhes da máxima importância sobre seu pensamento. As cartas que Weber endereçou a Mina Tobler e Else Jaffé (com quem teve relacionamentos pessoais), por exemplo, despertam atualmente uma enorme atenção e um áspero debate: qual foi, de fato, o significado desses relacionamentos em temas importantes de seu pensamento (o erótico, sobretudo) e, inclusive, sobre suas concepções éticas?

Mesmo a mudança de um título tem implicações importantes. As aulas póstumas (publicadas por seus alunos) dadas em Munique, em 1920, e conhecidas como “História Econômica” tinham, na verdade, outro título: “Esboço de história econômica social universal” (este era o título das lições oferecidas por Weber no seu último semestre letivo). Isso revela que, no final de sua vida, Weber já imprimia uma orientação claramente sociológica (e não apenas histórica) a seu trabalho.

Tais exemplos já nos mostram o imenso impacto que a republicação das obras de Weber ainda vai causar na interpretação deste clássico do pensamento social.

[Alexandre San Goes] Que possibilidades têm a oferecer os desdobramentos recentes da obra de Max Weber para o debate das ciências sociais contemporâneas?

[Carlos Eduardo Sell] Desde 2003, os pesquisadores radicados em Heidelberg vêm se dedicando a desenvolver o que chamam de um “programa de pesquisa de orientação weberiana”. Mais do que a exegese, a questão que se coloca é: o que Weber ainda pode nos dizer hoje?

Dentre as temáticas desenvolvidas por essa nova geração de sociólogos weberianos, destaca-se a ênfase na teoria da ação social de Weber. Talvez aí esteja o ponto mais forte de seu método sociológico. Até hoje a tipologia da ação de Weber ainda orienta toda discussão a respeito. Mas, é preciso romper com a ideia de que Weber privilegiava apenas a ação racional com relação afins, colocando a ação valorativa em segundo plano. Da mesma forma, o modelo weberiano não é “atomista”, pois, apesar de rejeitar completamente o conceito de “sociedade”, Weber não deixou de considerar as variáveis estruturais do seu modelo de análise. Tudo isso torna Weber ainda impressionantemente atual diante dos debates sobre as relações entre agência (micro) e estrutura (macro) na teoria sociológica.

Por outro lado, diante de uma sociologia cada vez mais cosmopolita e não eurocêntrica, a preocupação comparativa de Weber tornou sua abordagem

amplamente contemporânea. Weber não procurou entender a modernidade apenas a partir da experiência europeia (como fizeram outros clássicos), mas comparando-a com outras civilizações: China e Índia especialmente (que, não por acaso, pertencem ao chamado grupo dos BRICS). Weber antecipa o esforço de descentramento que o pensar sociológico atual requer. Weber também tem uma interpretação sociológica da modernidade que não é determinista e teleológica, como é o caso das versões da “divisão social do trabalho” ou mesmo da sequência de “modos de produção”. Isso faz dele um modelo ainda surpreendentemente atual diante de uma sociologia que precisa entender as múltiplas formas que a modernidade assume hoje. A fórmula “modernidades múltiplas”, por sinal, tem sido um dos principais veios que os chamados “neo-weberianos” têm explorado para atualizar Weber. A intenção, por sinal, não é canonizar ou dogmatizar o autor, mas oferecer um “programa de pesquisa” (e não “um” paradigma) capaz de tornar seu pensamento fecundo e criativo.

[Alexandre San Goes] Max Weber é um dos autores mais citados em teses acadêmicas de ciências sociais no Brasil. Qual a recepção de Weber no Brasil?

[Carlos Eduardo Sell] Isso se deve, entre outras razões, ao impressionante espectro de questões que ocuparam seu pensamento: capitalismo, religião, direito, classes sociais, música, a psicofísica do trabalho, igrejas e seitas, democracia, partidos etc. Quase não há tema do pensamento social que não tenha recebido alguma contribuição de sua vasta sociologia. Por isso, ele é uma inspiração para tantas direções de pesquisa. Talvez a crise do marxismo (após a queda do muro de Berlim) também tenha uma relação direta com a vitalidade atual da sociologia de Weber.

O Brasil é um caso muito interessante para se pensar a recepção de Weber. Diferente do Japão, por exemplo, onde o Weber mais lido foi o da Ética Protestante, visando explicar qual teria sido o “espírito” que auxiliou na transição daquele país para o capitalismo (aliás, de forma bastante funcionalista); o Weber mais explorado para entender o Brasil foi o Weber da sociologia política, em especial a categoria do patrimonialismo. No Brasil, a discussão sobre o capitalismo acabou sendo hegemônica pelo marxismo e Weber foi mobilizado de forma mais intensa no campo da sociologia política. Não que ele não tenha sido, de alguma forma, incorporado no tema do capitalismo e das classes, mas aí ele aparece em lugar subordinado (veja-se Florestan Fernandes e Cardoso, por exemplo). De fato, as principais “narrativas” weberianas de interpretação do Brasil partem, preferencialmente, de suas categorias políticas.

No entanto, se Sérgio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro (para citar apenas os mais importantes dos clássicos brasileiros de inspiração weberiana) mobilizaram Weber para pensar criticamente o processo de “modernização” do Brasil (destacando seus entraves históricos), hoje o cenário é outro. A partir dos anos 1990 (momento em que o Brasil insere-se com vigor no processo de globalização), é cada vez mais o Weber da sociologia da religião que inspira as análises da sociedade brasileira. Hoje, nosso desafio sociológico

é pensar o lugar da formação social brasileira na ordem social global superando, por sinal, os resquícios de nacionalismo metodológico que ainda nos dominam. Do tema da modernização, passamos ao tema da "modernidade". Weber, com seu modelo comparativo e com sua preocupação com as religiões "mundiais", tem fornecido pistas vitais nesta direção. Em termos mais específicos, a parte histórica e a sociologia econômica de Weber vêm merecendo cada vez mais atenção dos estudiosos no Brasil.

[Alexandre San Goes] Para finalizar, gostaria que falasse um pouco sobre seu recente livro publicado, o *Max Weber e a Racionalização da Vida*, no qual mostra ser possível partindo da sociologia da religião weberiana compreender os processos históricos de racionalização da cultura ocidental moderna.

[Carlos Eduardo Sell] *Hoje me dou conta de como meu trabalho constitui um diálogo crítico com a obra de Antônio Flávio Pierucci (USP). Assim como este scholar em Weber dedicou-se ao aprofundamento exegético e teórico dos conceitos de "secularização" e "desencantamento do mundo", resolvi explorar o conceito mais abrangente e ao mesmo tempo mais central da reflexão weberiana: a "racionalização". É este conceito que estrutura a sociologia weberiana e, neste sentido, os conceitos de desencantamento e secularização representam categorias subordinadas. O livro *A racionalização da vida* orienta-se também diretamente pela interpretação de Wolfgang Schluchter (da Universidade de Heidelberg) e procura mostrar como os conceitos de racionalidade teórica e prática articulam a análise weberiana das religiões mundiais. É neste ponto que reside o foco do trabalho e é partir dele que organizei minha leitura da sociologia comparativa de Weber. Schluchter, a meu ver, também demonstra com maior clareza os fundamentos kantianos de toda a obra de Max Weber: não é só a epistemologia weberiana que é (neo) kantiana, mas também sua teoria da modernidade (o que significa, aliás, que ele não é "nietzschiano" como supõem muitas leituras). A conclusão é que, para Weber, a racionalidade não é uma exclusividade ocidental: o que ocorre neste quadrante do mundo é a gênese de uma forma específica e determinada de racionalidade: o racionalismo ético prático e sistemático de condução da vida e de dominação do mundo. O aspecto decisivo da análise weberiana da racionalização é que ele destaca o caráter contingente dos caminhos da racionalização que nos conduziram ao mundo moderno: o processo de racionalização não é único e nem é necessário. Weber também analisa as instituições da modernidade (mercado, direito, Estado etc.) sob o prisma da racionalidade "formal" e "material" e isso sem nunca desconectá-la da racionalidade da ação (tanto a instrumental quanto a valorativa). O conceito de racionalização constitui, pois, o fio condutor privilegiado para entender de que forma Weber pensa a gênese e as características da modernidade em sua versão ocidental. Ele está presente tanto na sua teoria da ação, quanto das instituições (ou ordem social) e da cultura.*